

KOHELET: O MITO-TRADUÇÃO E A TRADUÇÃO-MITO

Paulo Cabral da Silva Junior (UERJ)

alef.10@uol.com.br

Izabela Bocayuva (UERJ)

Toda tradução da Bíblia advém de uma ou mais tradições que se consolidaram ao longo dos últimos dois milênios. No entanto, o trabalho em questão busca autonomia para apontar inúmeros fatores problemáticos, dificuldades e possibilidades inerentes à língua hebraica; à tradição oral; à composição, reedição e cópia do texto; e às quase infundáveis interpretações. Para tal desafio, dos 39 livros do *Tanach* (Antigo Testamento), elegeu-se apenas o sapiencial *Kohelet* (Eclesiastes) para tornar-se paradigma da “intraduzibilidade plena” ou da “infinda traduzibilidade”. *Kohelet* é o mais adequado por ser existencialista, compacto, simples, polêmico e duvidoso: Até hoje não se sabe ao certo a autoria e datação; nem mesmo se ele é reflexo do pensamento sumério e/ou helênico; autobiografia ou ficção; dentre outras razões pouco ortodoxas que retardaram sua canonização. Por essa razão é possível torná-lo num experimento plástico, traduzindo-o e retraduzindo-o de diversas formas e sob diferentes prismas hermenêuticos, sem que isto fira diretamente a sacralidade das doutrinas e dogmas judaico-cristãos que, normalmente, se fundam em outros livros. Logo, este trabalho de pesquisa se dividirá em três momentos: I- Artigo Introdutório, acompanhado de uma tradução literal do hebraico, a ser apresentado no VI SINEFIL; II- Aprofundamento Argumentativo e Demonstrativo, acompanhado de uma nova tradução mais ajustada ao sentido da língua portuguesa, a ser apresentado no XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia; III- Conclusão Final, acompanhada de uma versão completamente inovadora e, ao mesmo tempo, fidelíssima às fontes primárias, com vistas à publicação.